

A ARTE DO TERROR

Volume 1



ELEMENTAL EDITORAÇÃO

apresenta:

A ARTE DO TERROR

VOLUME 1

A ARTE DO TERROR

VOLUME 1

DONNEFAR SKEDAR

FABY CRYSTALL

JC KING

E. N. ANDRADE

ISBN: 9781311478832

ELEMENTAL EDITORAÇÃO © 2015

FICHA DO LIVRO

Donnefar Skedar,

Faby Crystall,

JC King e E. N. Andrade,

1ª Edição – 2015

Copyright © 2015 Elemental Editoração

ISBN: 9781311478832 - Publisher: Smashwords, Inc.

Imagem da capa: cortesia de Currens em pixabay.com

Criação da capa: Elemental Editoração

Diagramação e Edição: Elemental Editoração

Revisão: Donnefar Skedar

Faby Crystall

JC King

E. N. Andrade

1. Coletânea 2. Conto 3. Português 4. Horror

1. Título 2. Livro Digital 3, Coleção

Todos os direitos desta obra se reservam somente ao autor, qualquer forma de reprodução não autorizada por expresso pelo autor, será considerada crime conforme previsto na lei dos direitos autorais.

SUMÁRIO

[Ficha do Livro](#)

[Apresentação](#)

[Advertência](#)

[Nota](#)

[1 – Minha Morte \(Faby Crystall\)](#)

[2 – Descida a Cova – Prologo do Inferno \(JC King\)](#)

[3 – Charlie, Charlie Challenge – \(E. N. Andrade\)](#)

[4 – Aguardando no Inferno \(Donnefar Skedar\)](#)

[5 – A Festa \(JC King\)](#)

[6 – Abrigo \(E. N. Andrade\)](#)

[7 – Quietos! \(Faby Crystall\)](#)

[8 – O Parque \(Donnefar Skedar\)](#)

[Biografias – Os Autores](#)

APRESENTAÇÃO

Este projeto está sendo realizado com duas intenções: a) termos nossos textos ao alcance de vários tipos de leitores. b) avançar o interesse do leitor em nossos trabalhos feito de forma independente.

Todos os autores apresentados nesta coletânea se conhecem (virtualmente), graças ao site "Recanto das Letras". Todos se conheceram enquanto publicavam seus contos na mesma categoria do gênero Terror. O tempo passou e muita coisa mudou, contudo, a paixão pela escrita e a emoção pelos contos de Terror permaneceram e com isso surge este projeto intitulado de "A Arte do Terror".

Mas não se trata apenas de uma reunião de amigos da escrita, a real intenção é oferecer aos leitores, textos bons e que muitos nem sabem de sua existência apenas por serem contos independentes ou que estiveram em um único lugar.

Com a era digital este projeto poderá ser liberado em diversos lugares conseguindo não apenas novos leitores para os autores, como também novos autores para novos volumes.

Para quem acompanhava o site "Recanto das Letras" entre os anos 2010 até 2015, poderá se lembrar de algum texto ou dos autores. Para os que ainda não conhece, fica este livro como um Cartão de Visita para conhecer cada autor e seu histórico até a presente data.

Finalizamos dizendo apenas que este é um projeto independente e por isso seremos gratos aos bons leitores que

ajudarem com o projeto e seu crescimento para assim, manter o nível de cultura e entretenimento no nosso país e claro em todo lugar já que este livro estará disponível internacionalmente.

Caso seja um autor e queira participar de uma nova edição ou em outro projeto, envie um e-mail para: elementaleditoracao@gmail.com.

ADVERTÊNCIA

Os textos a seguir são de cunho fictício, nenhum dos dados informados ou nomes apresentados são reais. Qualquer semelhança com alguém ou fato é mera coincidência. Todos os autores criaram textos para o entretenimento do leitor não estando os mesmos envolvidos nas questões apresentadas.

Respeitamos todas as raças, crenças ou religiões.

Pede-se cautela ao folhear as páginas, pois todos os textos contem palavreados fortes e descreve ações que puderam ser fortes para alguns leitores.

Ao iniciar sua leitura, esteja ciente do que poderá encontrar em questão de palavreado e frases fortes, estes são contos de Terror e não textos infantis, por gentileza não usar os campos de comentários para dizer que existem palavras ou frases ofensivas uma vez que usamos deste aviso para alertar aos leitores.

NOTA

Este é um projeto independente, neste primeiro volume contamos com a participação de conhecidos. Caso tenha interesse em participar de um próximo volume, basta enviar um e-mail com informações básicas como uma breve biografia e se possuir link que mostrem seus trabalhos. Como dito, é um projeto independente, por isso prezamos por escritores independentes que desejam divulgar seus trabalhos.

MINHA MORTE

Faby Crystall

Sonhei que estava em casa, sozinha, acordei depois de uma puta ressaca. Parei diante do espelho, não gostava nem um pouco da imagem que lá estava. Uma balzaquiana, era isso que eu era, na verdade, olhei-me por mais algum tempo, pensando na minha pobre vida. Estava entediada, deprimida, cansada.

Não conseguia trabalho, fui abandonada no altar, minha vida estava mergulhada numa perfeita desgraça. Ouvi novamente aquela voz, aquela voz se tornou minha companheira, já há alguns dias, começa a me atormentar. A voz me mandava fazer coisas e eu, tinha muito medo. Fui tomar banho, lavei meus cabelos, tentando esfriar minha cabeça, vesti uma roupa confortável, voltei e sentei no sofá, a janela estava aberta, com a cortina balançando na minha frente, cheguei próxima a ela e olhei lá embaixo, eu morava no 13º andar. Um vento gélido tocou minha face, a voz veio e disse: — Vá menina, eles te esperam, liberte-se! Salte para sua liberdade e viverá por toda eternidade, não tenha medo.

Arrepiei dos pés à cabeça, afastei-me da janela, fui até a gaveta de remédios, lembrei-me que ainda tinha aquele remédio de tarja preta, que o psiquiatra me mandou tomar. Tomei logo sete comprimidos, logo, minha cabeça começou a rodar, vi asas nascendo nas minhas costas, meus cabelos

estavam soltos e caídos sobre meus ombros, à voz voltou e disse: — Menina, estou te esperando, venha!

Afastei um pouco, peguei impulso e saltei pela janela, caí para a liberdade, cometi um SUÍCIDIO! Acordei assustada, era apenas um sonho, que sonho horrível.

Não, não era sonho, agora que me dei conta que tudo foi real e eu estou aqui, no VALE DOS SUICIDAS, como a voz me disse, por toda a eternidade!

FIM

DESCIDO A COVA

Prologo do Inferno

JC KING

Não há arrependimento para eles depois da queda, tal como não há arrependimento para os homens depois da morte.

A FÉ ORTODOXA

1 Descido à Cova

As cordas descem o caixão à cova. O céu está entre nuvens. Uma leve chuva cai no cemitério, jogando lama sobre a tampa do caixão. Abaixo de sete palmo, Daniel dorme o sono dos mortos. Seu rosto expressa a palidez de uma folha de papel branca. Seu pescoço ainda exhibe a marca de um laço mortal, uma mistura de um roxo esverdeado com um preto acinzentado. Suas mãos cruzadas sobre o peito são de uma tonalidade amarelada. Seu semblante é sereno, é como se Daniel dormisse um sono profundo, aguardando a alvorada de um novo dia para despertar. Mas esse dia nunca chegará para ele.

A terra desce sobre o caixão, prendendo Daniel na sua prisão mortuária abaixo de sete palmos para sempre. É tudo escuro e frio. A lama atravessa as rachaduras da tampa da prisão de madeira, e repousa suavemente sobre a face do morto.

2 No Inferno

(Quando os olhos se abrem)

Os olhos de Daniel se encontram fechados. Logo eles se abrem, como se despertasse de um sono tão profundo quanto o repouso dos mortos. E de fato, ele estava mesmo morto. Duas enormes asas negras lhe contemplam. Seus olhos são tomados de assalto pelo mais puro terror e incredulidade. Aquelas duas asas abertas eram tão grandes que cobria todo o seu campo de visão. O jovem viu o rosto da coisa a sua frente. Era a imagem do próprio desespero, e ao mesmo tempo, a coisa mais pavorosa que os olhos podiam vê.

Era o próprio diabo à contempla-lo, lhe dando as boas-vindas ao inferno. Tudo era tão surreal, tão perturbadoramente inacreditável, que Daniel chegou a se lembrar das vezes que pregadores vinham lhe falar acerca do céu e do inferno; de Deus e Jesus Cristo; do diabo e seus demônios; da salvação do justos e condenação dos maus; do destino daqueles que se matam e do arrependimento. Tudo isso lhe foi falado em vida, mas ele não deu ouvidos.

O jovem sente o pescoço se apertando como em um laço e a vida lhe deixando; os olhos ficando escuros como a noite e o corpo se desfalecendo lentamente, como quem aguardasse a chegada da morte. Mas essa não vinha. Daniel lembrou, já estava morto. Havia se enforcado. A imagem do diabo diante dele era algo tão assustadoramente enlouquecedora, que o rapaz não conseguia encara-lo. A visão do anjo caído era à própria certeza do que Daniel havia feito.

O inimigo lhe acusava a todo momento, até que o jovem não suporta e sai da presença de satanás, rastejando pelo chão lamacento do inferno.

3 Prólogo do Inferno

(O vale dos suicidas e a cidade antiga)

Daniel está sozinho. Ele olha para tudo com espanto, o jovem sente medo do desconhecido. Ele leva as mãos ao pescoço, e ainda consegue sentir a dor do laço se apertando. Daniel sente um arrepio na espinha, é como se milhares de bichos estivessem andando sobre o seu corpo e devorassem sua carne. O jovem suicida vê outros iguais a ele. Almas sem vida vagando por um inferno de dor e sofrimento sem fim, sem a certeza de um novo dia naquele lugar horrendo.

De verás era muito assustador a visão do Hades. Tudo era trevas e escuridão, e tinha cheiro de morte por todos os lados, e não se tinha noção de dias ou horas ali. Porque no inferno o tempo não existe, e tudo é simplesmente uma penumbra eterno. Daniel não sabia se era dia ou noite naquele tormento de lugar. Os seus companheiros estão tão sem vida e esperança quanto ele. Todos exibem as marcas de suas mortes, como feridas que não cicatrizam nunca, algumas iguais, outras diferentes, mas todos se encontram condenados ao mesmo tormento e castigo, pelo pecado de terem tirado a própria vida.

Agora vivendo ali, no ‘Vale dos Suicidas’, eles se lamentam pelo o que fizeram. Mas o diabo, acusador dos filhos de Deus de dia e de noite, não os abandona; não os deixa esquecerem do porquê de estarem ali, sofrendo e se lamentando; chorando e gemendo. E os lembra a todo instante, que aquilo vai ser para sempre, nunca vai ter um fim. As almas seguem juntas nas suas dores, marchando enfileiradas rumo à algum lugar desconhecido, mas que de certa forma naquele inferno elas passarem a conhecer bem. É como que se

por instinto elas fossem conduzidas a um último descanso, ou, um último castigo.

Daniel também sente a mesma dor dos suicidas, um flagelo tão angustiante, que machuca a sua alma no mais profundo. Um tormento que não cessa, mas só aumenta. Ele sente sede, mas naquele ambiente tenebroso não existe água. Do chão do Hades apenas brota lama e poeira. O jovem continua sua caminhada com seus companheiros de infortúnio. Logo ele está dentro de uma cidade de aspecto muito antigo. Os outros sumiram. Daniel está sozinho novamente naquele lugar pavoroso.

A cidade antiga esconde casarões velhos e decrepitos, onde olhos e sombras vigiam há tudo. Demônios vagueiam pela velha cidadela, escondidos nas moradas sem vida. Daniel tem medo da visão à sua volta. Ele nunca tinha visto seres tão medonhos e assustadores antes. Agora ele tinha à certeza de que estava mesmo no inferno.

4 O abismo: a última morada

Dentro da cidade antiga, Daniel começa a ouvir vozes; muitas vozes. Elas expressam sofrimento, lamentação, desespero. Choros e gemidos misturados numa mesma corda vocal, levando loucura aos ouvidos de quem ouve tanta dor ao mesmo tempo. O jovem não sabe de onde vem aquelas vozes angustiadas, mas sua alma sofre por elas. Ele continua caminhando pela cidade, com milhares de olhos a lhe observarem. Daniel para no meio da jornada. Ele olha para algo na sua frente, completamente perplexo.

Uma pessoa vaga também solitária por aquela cidade do inferno. A visão é assustadoramente perturbadora para os olhos de Daniel. A pessoa que caminha à sua frente é um

homem, mas não se pode definir ao certo se é jovem ou velho. Ele está nu e acorrentado; e arrasta enormes bolas de ferro, como se aquilo que ele estava fazendo fosse um fardo a ser carregado por algum pecado cometido quando estava vivo. Ele caminha para fora da cidade, na direção de um grande abismo escuro; de onde brota fumaça com cheiro de enxofre e mãos desesperadas tentam sair daquele buraco negro, mas não conseguem. Aquele lugar é frio e escuro, e ao mesmo tempo, quente e mortal. O chão é revertido de uma lama negra, que aqueles que lá dentro estão, acabam se confundindo com o próprio abismo.

As paredes do grande buraco são lisas como lodo, e escuras como breu, impedindo a saída de quem cai lá dentro. Do interior do abismo emergem vozes sofridas e desesperadas; lamentações de almas perdidas para sempre. Agora Daniel sabe de onde vinham os choros e gemidos. O jovem apressa o passo para alcançar o homem à sua frente. Mas acaba se distanciando mais e mais; como se uma força invisível o puxasse para trás. A alma que arrasta correntes chega ao pé do abismo e para. Ele olha para trás. Os olhos de Daniel se enchem de perplexidade e espanto ao reconhecer aquele rosto tão familiar, que outrora brincava com ele quando eram crianças e o chamava carinhosamente de 'meu irmãozinho'. O jovem está diante do irmão mais velho, impotente, sem reação, paralisado de terror, medo, surpresa; tantos sentimentos juntos que ele mal pode descrever o que está sentindo realmente naquele momento. Ele grita, mas sua voz não sai. Tenta correr, mas permanece parado no mesmo lugar.

O abismo engole o irmão de Daniel, que olha para tudo aquilo acontecendo na sua frente, como se fosse uma cena tirada de um filme de terror antigo ou um pesadelo que logo

terá fim. O jovem acha que logo tudo aquilo vai passar e ele vai acordar de todo aquele sonho ruim. Mas o tempo passa e nada acontece.

FIM

CHARLIE, CHARLIE

CHALLENGE

E. N. Andrade

Os garotos só pensam em sexo, que droga. É tudo que parece importar num relacionamento. É sexta-feira e meus pais viajaram, estava refletindo sobre convidar Jensen para passar o fim de semana comigo, mas na condição de meu namorado, ele pensaria que eu o estava convidando para um fim de semana de sexo sem fim.

Quando o sinal tocou entrei em desespero, era o único momento que eu tinha para convidá-lo, já que meu iPhone havia quebrado e meus pais se recusaram a me dar outro.

Ele vinha pelo corredor junto a alguns amigos, dei o nosso sinal secreto e fui ao banheiro, era assim que marcávamos de nos encontrar para dar uns amassos. Entrei na última cabine e cinco minutos depois ele apareceu.

— Oi Jared, não estava mais aguentando de tanta saudade. — Ele disse e me beijou com força. Seu cheiro doce me inundou e eu fiquei tão excitado que quase esqueci o objetivo.

Me aninhei em seu abraço forte.

— Meus estão fora de hoje até segunda-feira, eu queria ter um fim de semana inteiro só nosso. A gente mal pode se

encontrar, sempre escondido em lugares podres como esse banheiro... — Expliquei.

— Você sabe que não posso me assumir Jared, ainda não. — Ele voltou a tocar nesse assunto que me incomodava.

Sorri para ele, não era disso que se tratava.

— Eu só quero ter um fim de semana inteiro com você. Podemos cozinhar, assistir seus filmes estúpidos de ação e dormir agarradinhos...

Eu sabia que a última sugestão o agradaria mais que todas as outras.

— Eu topo. — Disse imediatamente.

Nos beijamos novamente.

— Meus pais saem às dezessete horas, você pode ir às dezenove. Antes disso farei nossos deveres de casa e arrumarei meu quarto.

— Certo, então até mais tarde. Te amo. — Ele disse.

Oh meu Deus, ele disse que me ama!

— Te amo. — Respondi.

Nos beijamos mais uma vez, ele me apertou com tanta força que quase o pedi para tirar a roupa e fazermos “algo” ali mesmo, mas infelizmente precisávamos ir embora antes que fechassem as portas.

Ele chegou uma hora depois do combinado, como já era típico de seu jeito de ser. Comemos sushi e assistimos um filme de ação que eu nem sei o nome, não prestei sequer atenção, estava feliz por tê-lo agarrado a mim no sofá, sem medo de sermos descobertos.

Fizemos amor pelo menos umas três vezes até o amanhecer.

Durante o sábado tivemos que nos separar, ele tinha natação e eu aula de pintura, no fim do dia repetimos a

sequência comer-assistir-transar-dormir. E no domingo ele acordou com o apetite ainda maior.

— Não Jen, preciso descansar. — Falei irritado.

— Quem nega fogo, acaba sendo trocado por outra chama...

Levantei da cama irritado e vesti uma samba-canção. Fui ao banheiro e voltei bufando de raiva, ignorando o olhar dele em mim. Fingi mexer no celular, mas ele veio na minha direção e o tirou de minha mão, estava nu, mais lindo que nunca.

— O que foi?

— Você fala isso e depois me pergunta o que foi? Nossa relação é puramente sexual? Quando você diz que me ama é verdade ou é apenas um apelo para que eu me entregue? — Falo prestes a chorar.

Ele sorri e me abraça forte, então me puxa para a cama e nos sentamos de frente um para o outro.

— Amor, não duvide do que sinto por você, eu faço tudo para ter você comigo. Eu te amo e você sabe que o que eu falei foi brincadeira.

— De mau gosto.

— Desculpe então...

Não resisti a sua carinha triste, dei um beijo nele em resposta.

— Vou tomar banho. — Jensen diz como se quisesse que eu fosse junto, mas entendeu que eu não queria ter mais uma noite de sexo sem fim.

Em vez disso, abri meu laptop e procurei por algum jogo que pudéssemos fazer para passar o tempo, que fosse divertido. Ele amava o jogo do copo, compasso e coisa e tal, mas já tínhamos feito tantas vezes e nunca deu certo que resolvi

procurar por algo novo, para minha surpresa acabei encontrando.

Charlie, Charlie Challenge, com dois lápis ou canetas e uma folha de papel, coisas simples que eu tinha em casa, desenhei uma cruz no papel e em um dos quatro lados pus as palavras, sim, não, sim, não.

Coloquei os dois lápis em forma de cruz, devidamente equilibrado e pronto. Estava tudo certo, só tinha que dizer as palavras.

— Charlie Charlie, você está aí? — Perguntei me sentindo um idiota.

— Que droga! — Jensen esbravejou no banheiro e eu corri para ver o que era. Quase me assustei.

Abri a porta e entrei sem avisar, pisei em um caco de vidro, olhei para cima, a luz havia estourado, estava escuro e ao que parece, estilhaços tinham ferido sua pele levemente.

— O que aconteceu Jen? — O puxei para mim, meu pé sangrou e ardeu, puxei ele comigo até a claridade do quarto, alguns estilhaços estavam fincados em seu braço e pescoço, mas não era nada sério, apenas superficiais.

— Eu preciso pegar uma pinça, álcool e curativos, não se mova, eu voltarei logo.

Fui até o banheiro social e procurei pelo kit de primeiros socorros, em certo momento achei que havia alguém me observando, mas ao olhar não havia nada além do meu reflexo no espelho que ia do chão ao teto.

Peguei o kit voltei ao quarto.

A porta estava escancarada, pude ver gavetas no chão, móveis espalhados, lençóis, tudo amontoado, ao entrar senti um medo profundo tomar conta do meu corpo, minha mente

implorava para que eu corresse dali, mas meu corpo estava paralisado.

O corpo ensanguentado de Jensen estava sobre a cama, degolado.

Comecei a chorar, olhei ao redor para ver se o possível maníaco que havia feito aquilo ainda estava no quarto, mas foi pior.

Sobre a escrivaninha, algo havia acontecido com o jogo, a caneta que eu botei estava apontada para a palavra SIM.

No espelho estava uma frase escrita com sangue:

“Charlie está aqui, você não disse tchau.”

Me voltei para a saída do quarto, como se uma âncora me prendesse ali, a gravidade não era a mesma, eu estava lento e a porta se fechou antes que eu chegasse até ela. Parei por um momento fiquei assustado e então as luzes se apagaram.

FIM

AGUARDANDO NO INFERNO

Donnefar Skedar

A Vodca em excesso sempre o deixava com a pior das depressões quando lhe encerrava por grandes goles da bebida. Pouco se sabia sobre aquele homem que tinha a mesma rotina que lhe custava mais de 20 anos na sua vida.

Desde seus 27 anos de idade, ele contínuo frequentando o mesmo bar, tentando assim, somente assim, suprir sua necessidade da ausência de seu amor. Amor este que lhe causou esta fraqueza, amor este que derrubou um único homem e sua dignidade que hoje se entregava ao copo de uma Vodca todas as noites de sua pobre vida.

Todos os conheciam como "Afrânio Max sem dono", um misero apelido dado a ele para não lhe chamar de cachorro sem dono, uma expressão tão miserável quando sua própria vida. Durante o dia sua rotina em nada se assemelhava com a noite, ele trabalhava em um grande jornal local e fazia parte da redação de esportes, mesmo odiando aquelas notícias rotineira, ele se relacionava bem com todos e com tudo. Possuía breves amigos, sim, breve por alguns motivos íntimos e em nada pessoais.

Quando estava no auge de seus 27 anos de idade, Afrânio Max era belo e bem desejado pelas mulheres de seu trabalho e volta e meia por alguns homens assumidos que frequentavam seu espaço. Foi nesta idade que ele conheceu a razão de sua desgraça atual. Samara era tão perfeita como

ameaçadora, moça ainda jovem com aparência de adolescente, logo mostrou total interesse em Afrânio Max.

Ele talvez por solidão ou egoísmo próprio, logo a deixou entrar em seu coração.

O grande romance de sua vida lhe durou cerca de um mês. Eles trabalhavam juntos, jantavam nos melhores restaurantes, comiam as melhores comidas sempre acompanhadas dos melhores vinhos, saíam sempre para um cinema ou teatro e na última semana deste maravilhoso mês na vida de Afrânio, ela lhe mostrou o bar em que ele se matava lentamente a cada dia após sua partida.

Sim logo que completaria um mês de um namoro repentino, ela o deixara abandonado naquele mesmo lugar, naquela mesma mesa e com aquela mesma bebida.

Daniel o garçom que lhe servia todos os dias, se questionava sobre o que aconteceria se aquela Vodca deixasse de ser fabricada, tomaria outra Vodca ou se afogaria em algo novo? Pergunta essa que nem mesmo Afrânio Max se permitia realizar a si mesmo.

Em uma dessas noites rotineiras a espera que sua linda e cruel paixão retornasse aos seus braços, Afrânio foi pego de surpresa ao entra no bar em um dia chuvoso e de nuvens escuras. Algum tipo de comemoração estava sendo feita no local. O bar estava cheio de pessoas de várias idades e pelas roupas eram da mesma empresa, logo que conseguiu passagem para sua mesa já marcada, recebeu a notícia de que a empresa local de transportes rodoviários tinha fechado uma bilionária parceria com outro país e estavam ali festejando.

Afrânio não se incomodou e nem se intimidou com a grande quantidade de gente no lugar, ele não via aquele lugar cheio desde que... sua única paixão o deixara naquela mesa.

Quando olhou para sua mesa percebeu que tinha um copo pela metade de Vodca com limão, logo seu espanto foi notado. Ninguém em 27 anos sentou naquela mesa, não quando ele estava naquele lugar, e jamais em todos estes anos ele vira aquela bebida, bebida esta que somente sua Samara bebia naquela mesma mesa quase todas as noites.

Espantado com a cena, logo ele questionou a Daniel sobre aquele copo, o garçom disse que era de uma mulher bem vestida que não se intimidou ao ser informada sobre a reserva da mesa. Afrânio questionou sobre onde ela se encontrava e recebeu a resposta com um gesto rápido do garçom apontando para o banheiro.

Como sua mesa já estava reservada ele não se intimidou em sentar-se diante daquele copo de Vodca com limão deixado a mercê da sua íntima imaginação. Daniel logo trouxe sua bebida e partiu com pressa para atender aquelas pessoas sorridentes e bebedoras.

Quando Afrânio Max deu seu primeiro gole em sua deliciosa Vodca americana, ele teve uma sensação única e bizarra, foi como se ele voltasse no tempo, mas sem a sensação de djavur, ele sentiu o clima do lugar mudar completamente. Parecia que sua alma estava deixando seu corpo para vagar por entre aquelas pessoas e em todos esses anos de bebida, ele nunca experimentara aquela sensação, não antes de inúmeras doses de Vodca.

Em um deslizar de seus olhos para o chão, ela apareceu a sua frente.

Era Samara. Disto ele não duvidou em nenhum segundo. Seu olhar confuso e misterioso não afetou nos seus sentimentos pela mulher que lhe abandonara naquele lugar e agora 20 anos depois, retornara do nada a mesma mesa em

que os dois comemoravam quase todas as noites de um único mês. Admirado pela surpresa de vê-la na sua frente, ele logo percebeu que ela estava visivelmente confusa.

Seus lindos olhos de avelã não mudaram, seus lábios carnudos ainda usavam um batom vermelho que se assemelhavam aos seus longos cachos de cabelos avermelhados. Mesmo após duas décadas, Samara permanecia jovem e despertava a paixão, nunca esquecida, em Afrânio Max. Ele não disse nenhuma palavra, nem poderia, sua boca parecia seca e sua visão estava distorcida nos demais lados.

Ela abriu a boca e demorou muito para soltar uma pergunta estranha e confusa:

—Afrânio? Você veio?

Ele não teve reação ao ouvir suas palavras, como ela lhe questionava sendo que o mesmo a esperava há 20 anos, esperava pela noite em que lhe daria a aliança e ele ainda a guardava em sua casa, esperava para dizer a ela que a amava. E que casaria com ela naquela mesma noite, noite em que fora abandonado naquela mesa.

Samara olhou para os lados. Supressa com algo, ele notou que ela estava pálida; será que ela pensa que eu estaria em outro lugar, outra cidade depois de tudo o que me fez? Perguntou-se Afrânio.

Ela se sentou um tanto estranha e assustada. Sua respiração era falha e seus lábios pareceram por um instante tremer.

—Está tudo bem? —Ele questionou com a voz falha.

—Não, não está nada bem. O que você faz aqui?

—O que eu faço aqui? —Repetiu ele já confuso com a situação. —Estou aqui todas as noites no mesmo horário a sua espera por intermináveis vinte anos Samara.

Os olhos dela mudaram de expressão e logo deram espaço para algumas lágrimas, suas mãos tremiam e sua voz quase não foi ouvida.

– Não Afrânio, eu estou aqui por longos vinte anos, estou aqui desde.... Você não se lembra? Como você está aqui agora? Isso.... Isso é real?

Só então Afrânio Max se permitiu tal absurdo, no dia em que pediria Samara em casamento, ele saiu tarde de seu trabalho pedindo que ela lhe encontrasse naquele bar. Era o tempo certo de ele passar na loja e pegar o belo anel de brilhantes e correr para seu pedido de casamento.

No caminho para o bar ele parou no farol esperando ficar verde quando um forte barulho veio do seu lado esquerdo. Ele não se lembrava de ver mais nada além do fogo vir em sua direção, fogo de um carro que batera no seu ao entrar na contramão em fuga dos carros de polícia que também o atingiram em uma velocidade acima de 190 por hora.

Com um imenso desprezo em seu olhar, Samara olhou para ele a ponto de ver suas mãos carbonizadas, retirar um lindo anel de brilhantes e ao pôr em seu dedo ele disse antes de virar cinzas:

– Eu esperei vinte anos para dizer o quanto te amo e só agora sei o que me aconteceu, mas e você? Por que está aqui depois de vinte anos...

Fim

A FESTA

JC KING

Um conto insano...

Uma história sobrenatural...

Um texto surreal...

1 UM CANTO INSANO

Ana se põe de pé ainda meio atordoada pelo despertar brusco no meio da noite. Ela olha para o despertador em cima do criado-mudo ao lado da cama. O relógio marca 3:15 da madrugada. Um som de música vindo do andar de baixo pode ser ouvido do quarto da jovem. É um som de festa, som de uma orquestra de cordas. Um grande vozerio se faz presente também, como se o lugar estivesse aflorado de pessoas se entregando ao clima do momento.

Todavia Ana morava sozinha, então, não poderia ser ela à responsável por tal recepção tão calorosa e em horário tão inoportuno. Quem estaria dando uma festa então? Esta era a pergunta que Ana estava se fazendo naquele momento. A mesma estava residindo no local há menos de 24 horas, tudo, no entanto já tinha um ar de mistério para a jovem.

Ana abre a porta do quarto e se lança num corredor iluminado apenas pelo brilho de uma pálida lua cheia num céu com poucas estrelas. A cada passo dado, o som de música ambiente vai se tornando mais evidente para a mesma.

Quando começa a descer os primeiros degraus da velha escadaria, um silêncio perturbador faz com que Ana pare subitamente. O barulho de música já não pode ser ouvido nem tão pouco a animação dos antigos convidados que há pouco alegravam o lugar.

As luzes da velha sala de visitas, que outrora fora palco de luxuosas festas se encontravam agora apagadas, às janelas do casarão decrepito no fim da rua se acham agora fechadas. Já não há mais o barulho de festa que tempos antes podia ser ouvido com clareza de detalhes. Apenas um silêncio insano reina agora no local.

- Isso só pode ser loucura minha, eu devo ter sonhado- Ana fala para si mesma, tentando acreditar que tudo o que ouvira não passara de imaginação de sua cabeça, ou, como ela mesma dissera: tudo deve ter sido um sonho.

No entanto, um fato bizarro chama à atenção da moça, e faz com que a jovem acredite mesmo que algo de estranho acontece na casa: um quadro na parede retratando uma festa. Com seus convidados dançando alegremente e se confraternizando uns com os outros em igual sintonia. Músicos retratados com seus instrumentos típicos.

Em qualquer parte da sala em que estivesse, é como se às figuras da tela pudessem seguir Ana com seus olhares de tinta. A moça relembra do momento em que retirou a velha pintura da parede e a encerrou num antigo baú em um dos quartos da casa.

Todavia Ana não sabia como o quadro viera parar outra vez na parede da sala de visitas. A jovem não tinha uma resposta plausível ou racional para aquele fato intrigante e misterioso. A mesma sobe um lance de escada aos trancos e barrancos e se dirige até um quarto localizado no fim do

corredor mal iluminado. O mesmo se acha trancado, mas Ana retira do bolso de seu surrado pijama rosado um bolo de chaves e começa a testar uma a uma, até encontrar a certa. A moça corre até um baú num canto escuro do quarto e o abre com cautela, temendo que de lá de dentro algo terrível se revele para ela.

2 A CASA NOVA E UMA VELHA HERANÇA

A fachada do velho casarão no fim da rua se revela para Ana como um mausoléu cheio de esqueletos e fantasmas de um passado abastado, que a partir de agora vai se tornar parte da vida dela. A moça não consegue esconder seu entusiasmo frente a sua nova morada, que mesmo se mostrando um lugar de aspecto um tanto macabro e sinistro, ela vai poder chamá-lo de seu. E isso é que importa para Ana a partir de agora. Ela finalmente está concretizando um sonho há muito desejado: ter um lugar para chamar de seu.

A moça não se importa com os antigos fantasmas do lugar que teimam em permanecer por lá como se ainda fizessem parte da decoração da velha casa. Se é que eles existem de fato mesmo. Ana nunca acreditou muito em assuntos relacionados a esoterismo ou coisas do além, mas não duvida que exista mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a vã filosofia dos homens.

- É linda! - Ana fala com um largo sorriso no rosto, que vai de orelha a orelha.

- Você deve estar ficando louca. Chamar essa tumba de "linda"? - A voz de reprovação vem de Samantha, melhor amiga de Ana, e contraria a compra da casa desde o começo, por considerar o lugar pavoroso demais para seus patrões.

- Ah, mas isso podemos resolver com uma boa pintura bem colorida. Se bem que eu prefiro assim, ao estilo original.- Diz Ana, nem um pouco interessada na opinião de desagrado da amiga. Para a moça, aquela era a casa perfeita. A morada dos sonhos, mesmo que para Samantha e a maioria das pessoas o lugar estivesse mais para "casa dos horrores".

A residência fora comprada por intermédio de terceiros por uma bagatela, se comparada a outros imóveis no mesmo bloco de casas em melhores situações. O lugar foi construído em estilo vitoriano, herança dos primeiros donos. Segundo Ana ficou sabendo, a casa fora construída no começo do século passado por imigrantes ingleses recém-chegados ao Brasil, para tentar a sorte em uma nova terra.

Ana comprara a velha morada de um advogado muito ocupado, que vivia parte do seu tempo em Nova York com a família e não tinha interesse algum em fincar raízes no lugar. Na verdade, o mesmo nunca gostou do lugar. O imóvel teria sido uma herança deixada para ele por uma velha cliente, possivelmente uma descendente dos antigos ingleses do começo do século passado e os primeiros donos do lugar. Ela não teria parentes vivos nem para quem deixar seus bens, que incluíam o velho casarão vitoriano sucateado pelo tempo.

Antes de Ana comprar a propriedade, porém, a mesma já teria tido muitos outros donos, mas por um estranho motivo desconhecido para a jovem, ninguém nunca permanecia no lugar mais do que seis meses. Esse fato, no entanto, foi mantido em oculto durante a transação do negócio, temendo que este fosse desfeito antes mesmo da sua conclusão.

Ana entra na nova casa e seus olhos brilham de contentamento como uma criança que acaba de ganhar um

presente dos pais. O lugar está vazio, excerto, por um quadro pendurado numa parede numa sala de frente. A única herança de um passado opulento deixado para trás. A pintura cobria boa parte da parede. Retratava uma festa, com pessoas sentadas conversando, outras de pé, pares dançando ao som de uma orquestra de cordas, ao fundo. Todos estavam muito bem vestidos, como se fossem de uma outra época, de um outro tempo.

Os retratados mostravam-se alegres, sorridentes, seus rostos voltados para frente; os olhos convergidos para um ponto de tal forma que, de qualquer parte da sala onde estivesse o observador, todos estarão olhando para ele. Samantha está parada ao lado de Ana, imóvel e com os olhos fixos no quadro a sua frente.

- Eles parecem que estão olhando para nós- Diz a jovem.

- Você está falando do quadro? - Pergunta Ana, ainda meio entorpecida pelo clima do ambiente, nostálgico e melancólico.

- Eles parecem tão reais- Observa Samantha, se colocando mais próxima da tela e olhando atentamente os contornos do desenho- É tão estranho, parecem que foram inseridos no quadro e não pintados.

- Já terminou a sua apreciação técnica? - Fala Ana, lançando mão do quadro e o tirando da parede.

- O que você vai fazer? - Pergunta Samantha, atônita com a súbita atitude da amiga.

- Vou guardar esse "trambolho" lá em cima, e amanhã vou entregá-lo ao corretor; devem ter esquecido durante a mudança.- Diz Ana, enrolando a tela e em seguida a levando para o andar de cima.

A jovem segue até um quarto no fim do corredor. Ela retira do bolso um bolo de chaves, e depois de muito procurar consegue enfim encontrar aquela que abre a porta do cômodo. O lugar está vazio, como quase todo o resto da casa. Apenas um velho baú de madeira se acha abandonado num canto escuro do quarto. Ana o abre e deposita lá dentro o quadro.

3 A FESTA

Os últimos raios de sol se escondem no horizonte, quando o carro com a mudança de Ana chega com um certo atraso; o que deixa a moça um pouco desconfortável. Os móveis e pequenos objetos são distribuídos pelos ambientes, mas não conseguem suprir todos os espaços que a casa apresenta.

Ana se entrega ao clima de "casa nova", que mal percebe a noite tomando o lugar do dia. Uma enorme lua cheia subjugando um sol antes brilhante e majestoso. E estrelas iluminado um céu escuro, outrora de uma claridade radiante. A jovem se despede da amiga meio secamente. Em seguida, a mesma se lança em uma banheira preparada com pétalas de rosas vermelhas e sais aromáticos; um luxo que o lugar ainda pode proporcionar a corpos cansados.

Já deitada sobre cobertas quentes e aconchegantes, a moça se rende tombando com a cabeça para o lado. Um som de música quebra o silêncio da noite. Passos sincronizados dançam em uma mesma sintonia macabra e se fazem ouvir por cada canto do lugar. Uma multidão de vozes e risadas estridentes completam o quadro surreal.

Ana rola de um lado para o outro da cama, se sentindo incomodada com o estranho barulho de festa que invadiu seus sonhos e os transformaram num pesadelo inimaginável. A

jovem abre os olhos uma, duas, três vezes, até que o som de música e o vozerio insano a desperte completamente.

Ana se põe de pé ainda meio atordoada pelo despertar brusco no meio da noite. Ela olha para o despertador em cima do criado-mudo ao lado da cama. O relógio marca 3:15 da madrugada. Ana abre a porta do quarto e se lança num corredor iluminado apenas pelo brilho de uma pálida lua cheia num céu com poucas estrelas.

Quando começa a descer os primeiros degraus da velha escadaria, um silêncio perturbador faz com que Ana pare subitamente. O barulho de música já não pode ser ouvido nem tão pouco a animação dos antigos convidados que há pouco alegravam o lugar.

No entanto, um fato bizarro chama à atenção de Ana, e faz com que a jovem acredite mesmo que algo de estranho acontece na casa: um quadro na parede retratando uma festa. Com seus convidados dançando alegremente e se confraternizando uns com os outros em igual sintonia. Músicos retratados com seus instrumentos típicos.

A mesma sobre um lance de escadas aos tramos e barrancos e se dirige até um quarto localizado no fim do corredor mal iluminado. O mesmo se acha trancado, mas Ana retira do bolso de seu surrado pijama rosado um bolo de chaves e começa a testar uma a uma, até encontrar a certa. A moça corre até um baú num canto escuro do quarto e o abre com cautela, temendo que de lá de dentro algo terrível se revele para ela.

O quadro já não se acha mais guardado dentro do velho baú. Ana é tomada por um susto repentino e tomba para trás, de bunda no chão frio de um azulejo europeu. Seus olhos estão

cheios de horror e todo o seu corpo treme de arrepio frente a face do medo.

- Você tem certeza que colocou mesmo o quadro dentro do baú? - Pergunta Samantha, na manhã seguinte, de volta a casa de Ana, após ficar sabendo de todo o ocorrido na noite passada.

- É claro que eu guardei, você viu. Você estava comigo quando eu coloquei ele dentro do baú- Diz Ana, não acreditando que a amiga esteja dando pouco crédito às suas palavras.

Todo o lugar é envolvido por um clima de mistério. O quadro permanece lá, na parede, intocado.

Ana passa o restante do dia no quarto, trancada, olhando pela janela os passantes na rua. Ela volta ao quadro, o encara.

4 VISITA (A NOITE DO BAILE DE 1950)

Ana está jogada na cama. Uma coberta envolve metade de seu corpo. Os seus olhos estão fixos no despertador. Os segundos se vão, os minutos se passam e às horas acabam e nada acontece. Nenhum som, nem ruído, nem barulho algum. Nada de música, nada de vozes festejando, nada de festa hoje.

Os olhos de Ana começam a pesar, até que se entregam ao descanso. Ao primeiro canto do galo, a jovem desperta. Um barulho de porta abrindo e batendo ecoa pela casa e chama à atenção de Ana, que atenta para o barulho. Ela se coloca de pé subitamente. Ana abre a porta do quarto e se lança num corredor vazio e silencioso. De repente, um estalo e a moça se vira bruscamente para trás.

Uma mulher negra e de meia idade vem saindo de dentro de um dos quartos. Os olhos de Ana se enchem de espanto ao fitar a estranha.

- Quem é você? O que faz na minha casa? - Pergunta Ana, num tom de voz que mais se parece um sussurro angustiante. Suas pernas tremem que mal conseguem sustentar o próprio corpo. A sua respiração está ofegante e o seu coração acelera a ponto de quase saltar do seu peito. O seu sangue gela nas veias e sua voz simplesmente deixa de obedecê-la.

- Bom dia, menina! A senhora Miller não deve ter falado de mim par a menina. Sou Anastácia- Diz a negra-Trabalho com a família desde os tempos dos pais da senhora Miller.

- Senhora Miller? - O nome soa estranho para Ana. Ela nunca ouvira falar em nenhuma senhora Miller.

- Margareth Miller, a dona da casa- Diz a mulher, calmamente; se dirigindo para perto da escadaria.

- Eu não conheço nenhuma Margareth Miller, e essa casa é minha; eu comprei ela. Agora, quer fazer o favor de sair da minha casa? - Ana explode num surto de angústia e medo, mudando totalmente suas feições. A sua voz se torna agitada e nervosa, e seu corpo começa a apresentar tiques.

- Eu não posso- Responde fatidicamente a velha negra de cabelos brancos- Eu tenho que preparar a casa para a festa que a senhora dará hoje à noite. E se não estiver tudo pronto quando ela aparecer, vou levar a maior bronca.

A palavra "festa" penetra o subconsciente de Ana estranhamente. Ela fica paralisada, não tem reação alguma. A negra desde às escadas cantarolando cantigas de sua pátria - mãe, enquanto vai espanando um móvel aqui e outro ali.

Ana segue a mulher chamada Anastácia, quando entra em um outro mundo. A sua casa já não é mais sua. Seus móveis já não são os seus. Toda a casa agora era decorada com móveis e peças antigas e valiosas, como se fizessem parte de um cenário de um passado opulento e surreal. No grande salão, uma festa está sendo dada para muitos convidados. Uma orquestra de cordas, ao fundo, dita a dança aos presentes. Alguns preferem se manter sentados e conversando, outros ficam de pé apreciando uma boa bebida.

Todos bonitos, muito bem-vestidos, como antigamente. Às fisionomias são familiares para Ana. Eram os retratados do quadro. E por mais que Ana gritasse para chamar à atenção de algum dos ali presentes, ninguém lhe ouvia. Todos passavam por ela como, como se não a vissem. Ela era invisível para os convidados da festa. De todos, somente Anastácia podia ver e falar com Ana.

- Menina, porque não se vestiu ainda? - Pergunta a velha negra- Eu deixei seu vestido sobre a cama.

- Você consegue me vê? E falar comigo? - Tudo é estranho para Ana. Onde ela está? Quem são aquelas pessoas? Que época é aquela? E porque só Anastácia consegue lhe vê e falar com ela? Tantas perguntas e nenhuma resposta. Sua vida agora se tornou insana e surreal.

- Menina, deixe de brincadeira. Vá logo se vestir e desça para a festa- Fala por fim a negra.

- Quem é ela? - Pergunta Ana, apontando para uma figura até então desconhecida para ela. Uma mulher já de meia idade, com seus cabelos louros e sua pele clara; se destaca entre os convidados por ostentar grande riqueza. Ela não é um dos retratados do quadro.

- É a senhora Miller- Responde Anastácia.

- Em que ano nos estamos? Pergunta outra vez Ana.

- Estamos em 1950, menina- Responde Anastácia, e tudo se apaga na frente de Ana.

Quando Ana acorda, ela está em seu quarto, deitada em sua cama. São 7:30 da manhã. Ela só não sabe quanto tempo passou dormindo. Em que dia da semana está, nem o mês e o ano. A jovem se coloca de pé agitadamente e abre a porta do quarto num supetão brusco.

- Anastácia! Anastácia! Responde, cadê você? - Ana grita desesperadamente, chamando pela velha negra que vira num momento que nem ela mesmo sabe dizer se foi real ou não, mas que aconteceu.

No entanto, ela não ouve resposta. A casa está vazia e silenciosa. Ana corre até o quadro e o encara com um olhar assustado.

- Você me chamou, menina? Fala a velha negra, surgindo atrás de Ana como um fantasma.

- Quem são às pessoas no quadro? Ana é direta e sem rodeios.

- Parentes e velhos amigos muito próximos e queridos da senhora Miller. Todos já falecidos- Responde Anastácia, muito calmamente- Madame mandou pintar para que nunca se esquecesse deles. Gosta de se sentar na poltrona e ficar conversando com eles.

Ana encara a pintura outra vez. Seu olhar se transforma.

- Você está no quadro.

- Eu sei...

- Mas você disse que todos no quadro estão mortos...

- Eu disse...

- Então, você...- A frase é cortada pela metade.

Margareth Miller adentra a sala. Anastácia já não se acha mais ao lado de Ana, para espanto da jovem. A velha senhora se encontra vestida a caráter, como se estivesse indo para uma festa. A mulher acende às luzes da casa, e em seguida abre às janelas da velha casa. Ela segue até um antigo toca-fitas, nessa ocasião o lugar já se transformara em um cenário antigo como que por encanto.

Margareth Miller coloca no velho toca-fitas uma gravação de som ambiente de festa, com conversas, risos e música ao fundo. Em seguida, ela se senta em uma poltrona de frente ao quadro que mandara pintar, com uma taça de vinho na mão, e seu espírito se entrega ao ambiente da tela, conversando e confraternizando com os entes queridos.

A gravação se cala, às luzes se apagam e às janelas se fecham. Margareth Miller continua sentada em sua poltrona. Parece dormir serenamente, com a taça tombada aos pés e o vinho derramado no tapete. Ana olha para o quadro. As figuras antes alegres, sorridentes e felizes, agora se achavam com os rostos sérios, tristes, com lágrimas escorrendo pelas faces. Os instrumentos pendiam nas mãos dos músicos.

Não mais se dançava, não mais se conversava, não mais haveria festas naquela casa. Ana olha mais uma vez para a tela, e se espanta com o seu rosto pintado junto aos outros, sério e triste.

FIM

ABRIGO

E. N. Andrade

Via a chuva caindo lentamente através da janela de vidro que ocupava toda a parede do seu luxuoso apartamento num bairro nobre da cidade de Constância. Segunda-feira, todos são avessos ao trabalho nesse dia, mas ele acordou entusiasmado.

Saiu o mais cedo que pôde rumo à Mendes Inc., a maior e mais conceituada empresa de publicidade no Brasil. Enquanto dirigia seu Citroën pela avenida movimentada, via novamente a chuva caindo sobre si, a melancolia que dias assim traziam para sua vida era quase palpável, uma solidão devastadora que ele passava a maior parte do tempo ignorando. Ligou o limpador de para-brisa e o observou limpando as gotas torrenciais, imaginando se um dia haveria algo que limpasse toda a amargura de sua vida.

Tudo aquilo desapareceu quando chegou ao seu andar, encontrou os outros colegas de sempre tomando café, não se deu o trabalho de cumprimentá-los, ou saber de suas aventuras do fim de semana, eles eram felizes, a felicidade incomoda quem está desprovido dela.

Foi o mural do corredor que chamou sua atenção.

— Não é incrível? O Sr. Alcântara pediu demissão, há boatos de que ele encontrou algo melhor no exterior e vai ganhar o triplo do que ganhava aqui. Essa vaga de Diretor Geral é perfeita para você, não acha?

Era Carla tagarelando, enquanto Pietro só conseguia ler o anúncio com um brilho sobrenatural nos olhos. Ela continuou falando até que ele parou para observá-la, loira, alegre, bonita, irritante. A secretária.

— Tenho certeza de que não há ninguém mais qualificado que você...

— É, eu sei. — Ele a interrompe e sai apressado para sua sala.

Uma bela sala no décimo quinto andar, era uma pena que em sua vista houvesse um prédio de frente que o impedia de ver a enseada ao longe, mas a vaga era perfeita para subir de patamar, trabalharia no vigésimo, ao lado do Presidente. A vista de lá era esplêndida.

Chamou Amélia no interfone e marcou uma conversa com o Sr. Mendes para as quatro da tarde, quando ele saísse da última reunião do dia.

Quando o grande momento chegou, surpreendeu-se ao encontrar Torres saindo da sala do presidente.

— Interessante, não é? — Ironizou, afiado como uma navalha.

— O que fazia lá? — Pietro indagou irritado.

— Uma pista: Diretor Geral. — Respondeu e saiu confiante.

A secretária pigarreou.

— Ei Hoffman, como vai?

— Ele estava aqui pela vaga. — Murmurou incrédulo.

— Nem tudo tem a ver com você querido. Agora entre, não deixe o Sr. Mendes esperando, certo? — Encorajou.

Pietro lançou um olhar em sua direção que a fez estremecer, em seguida deu duas batidinhas na porta e entrou.

Foi diretamente ao Presidente e não sentou na poltrona à sua frente.

— O que ele estava...

— Não comece com seu estrelismo Hoffman. Tive um dia de cão, não tenho tempo e paciência suficiente para isso agora. Pelo que vejo, você ainda não aprendeu nada. — Disse o Sr. Presidente Mendes com um tom de superioridade que ninguém mais tinha.

— Não se trata de mim.

— É claro que se trata de você, sempre é sobre você. — Sr. Mendes diz entediado.

Pietro finalmente senta.

— Eu sou melhor que ele. Nesses dez anos em que estou trabalhando aqui, ninguém jamais lhe deu tantos bons resultados e lucros como eu dei. Me dedico mais que qualquer um, sou mais focado...

— Hoffman, é isso que te faz pensar que a vaga disponível seria dada exclusivamente a você? Você achou mesmo que eu nem chegaria a considerar os seus colegas? Você me dá quantidade, eles me dão qualidade. Como um profissional do ramo, você deveria saber disso. — Interrompeu Pietro fazendo gestos enquanto explicava seu tópico.

— Ora, não me venha com essa conversa!

— Recolha-se à sua posição Pietro Hoffman. Sou eu quem eleva a voz aqui, aprenda a não interromper o chefe quando ele vos fala. Como eu ia dizendo, seus colegas também estão interessados. Mariah, Torres, Benjamim, cada um deles está tão interessado quanto você. Então aconselho você a mudar essa postura arrogante de superioridade, pois a cada segundo aqui tenho mais certeza de que você não é digno de

ocupar aquela cadeira. Eu já terminei, agora saia da minha sala imediatamente e feche a porta devagar ao sair. — Sentenciou.

Pietro encarou seus olhos por alguns segundos, a maioria temia o Presidente naquele prédio, mas o que o Sr. Presidente não sabia era que todos, sem exceção até dele próprio, temiam o olhar profundo de Pietro.

— Sim, Sr. Presidente. — Disse ao levantar-se, saiu da sala bufando por dentro, mas por fora estava calmo como a baixa maré iluminada pelo crepúsculo.

O homem que transa com a secretária, falando em dignidade!

Após o fim do expediente, passou na cafeteria, como todos os colegas faziam. Era como um ritual, todos se sentavam e conversavam sobre coisas do dia antes de ir embora. Quando chegou, Mariah tinha acabado de anunciar a gravidez. Benjamim e Torres sentados com ela festejando, havia outras pessoas, mas essas pessoas... Pietro só conhecia de vista.

Pegou seu café, e pela primeira vez sentou na mesa dos colegas. Causando-lhes um choque de surpresa que os fez ficar em silêncio.

Tomou um grande gole do seu expresso, arrumou as xícaras em uma linha reta e começou a rir enquanto os colegas o observavam intrigados. Isso durou alguns minutos, até que Torres não conseguiu mais esperar calado.

— Do que está rindo Hoffman? Engoliu um palhaço? — Indagou irritado. Sentiu a mão de Benjamim apertar sua coxa gentilmente por baixo da mesa, então se acalmou e assentiu para ele com um olhar.

O riso de Hoffman cessou por um instante.

— Não acham hilário o fato de terem se candidato à vaga de Diretor Geral? Um casal de bichas e uma mulher, que ainda por cima está grávida? — Questionou e voltou a rir infinitamente.

Os três na mesa ficaram tensos, se entreolharam pasmos por um momento.

— Você me dá nojo. Vamos embora, você vem conosco Mariah? — Benjamim diz se levantando com Torres rapidamente.

— Não, meu marido já está a caminho. Até amanhã!

...

Os corredores vazios deixavam Torres nervoso, então se apressou ao sair do banheiro, Benjamim já havia descido e o esperava lá fora no carro para partirem, chamou o elevador e sentiu o alívio quando as portas se abriram, mas só quando as mesmas se fecharam ele percebeu a presença de Pietro ali.

— Oh que merda Hoffman! Você quase me mata... — Torres diz levando a mão ao peito. — O que diabos você quer?

Pietro se aproximou e pôs a mão em seu rosto delicadamente, sentindo a pele de seu maxilar, fazendo-o estremecer, logo pousou a mão na garganta de torres e massageou seu pomo de adão.

— Eu sou melhor que você Torres, farei tudo que for necessário para ocupar o cargo, ele é meu. Essa é sua última chance de desistir dele, se não...

— Se não o quê Hoffman? Acha que tenho medo de você? — Falou afastando a mão de Pietro. — Você é só um imbecil sem escrúpulo, não é melhor que ninguém.

— É uma pena, ah! Só mais uma coisa... sua gravata está torta. — Pietro fica a poucos centímetros de distância dele e

arruma sua gravata. — Te vejo muito em breve Armando Torres. — Sussurrou sedutoramente.

As portas do elevador se abriram.

Torres saiu nervoso do elevador a passos largos pelo saguão, deu boa noite aos funcionários da recepção e seguiu para fora onde Benjamim já o esperava no carro. Deram um beijo longo e seguiram para a casa dele.

Tiveram uma noite tranquila, não fizeram amor. Apenas dormiram entrelaçados. Não há aconchego melhor que o braço do outro, mas essa sensação desapareceu pela manhã quando o alarme soou alto, Benjamim tateou a cama em busca do seu homem, mas só encontrou as cobertas e uma gota de sangue.

— Armando? — Chamou, mas não teve resposta. — Armando Torres Júnior, se isso for alguma brincadeira...

Continuou sem resposta.

...

Pietro analisava alguns gráficos e relatórios de vendas quando a porta de sua sala foi escancarada repentinamente.

— Benjamim, que agradável surpresa! Em que posso ajudá-lo? — Pietro disse sorrindo.

Benjamim sentiu o olhar como uma afronta.

— Seu filho de uma puta! Eu vou te matar, seu desgraçado! — Gritou ao avançar em Pietro, lhe desferiu socos sem força e pontapés desordenados.

— Segurança! Alguém me ajude! — Pietro suplicou aos gritos, lutando para conter o desdém que o pequeno sorriso carregava.

Ficou sério quando ouviu passos, seguranças se aproximaram e afastaram os dois, papéis e canetas espalhados pelo chão, o andar inteiro estava do outro lado da porta

observando o escândalo, Benjamim se debatia para avançar novamente em Pietro quando Sr. Mendes chegou.

— O que diabos está acontecendo aqui?! — Sr. Mendes gritou furioso passando os olhos de um para o outro.

Benjamim se desvencilhou do segurança para falar.

— Algo aconteceu com o Torres, ele desapareceu. Tenho certeza que ele está por trás disso! — Alegou.

— Não me leve a mal Ben, mas não me culpe pelos casos extraconjugais do seu noivo... — Pietro insinuou de maneira categórica.

— Não ouse! — Benjamim interrompeu.

— Basta! Quero os dois na minha sala agora. — Sr. Mendes berrou.

Mais tarde, apesar da pequena reunião onde o Presidente passou quase uma hora ofendendo e passando na cara de ambos, tudo que tinha feito pelos dois e desclassificando-os da concorrência ao cargo. Pietro trabalhou bem durante o resto do dia e ao chegar em casa, relaxou na jacuzzi ao som de Rigolletto, por um momento as frases cruéis do Sr. Mendes insistiam em atormentar sua mente – Você não passa de um rejeitado que morou a vida inteira num abrigo – e ele gostaria de ter alguém para conversar sobre isso, para diminuir a solidão, mas seu desejo por si mesmo o fez ignorar esses pensamentos vis, quando sentiu seu membro imerso endurecer, relaxou ouvindo a ópera e se ocupou numa masturbação rítmica e aconchegante.

Benjamim fora suspenso por uma semana pelo mau comportamento, dessa forma havia apenas mais um concorrente com quem deveria se preocupar: Mariah.

...

Mariah havia tomado cinco banhos antes de sair para trabalhar, nervosa e estressada, também um tanto ansiosa. Seu marido tentou tranquilizá-la, mas o esforço foi em vão. Ela marcou uma conversa com o Sr. Mendes ao meio-dia em ponto.

— Espero que tenha um bom motivo para interromper meu almoço. — Disse ele quando uma Mariah pálida entrou tropeçando nos próprios passos.

Ela suspirou profundamente antes de começar seu discurso.

— Fui ameaçada Senhor. Quero muito ocupar o cargo, mas também quero ter esse filho, se nenhuma providência for tomada, serei obrigada a deixar a empresa. Tudo isso não fará bem a mim e ao bebê, não quero que seja dessa forma, mas não estou conseguindo ver outras opções. — Desabafou a tristonha jovem mulher.

O Sr. Mendes finalmente deixou a comida de lado, afastando sua bandeja executiva da mesa, havia perdido o apetite.

— Entendo que a gravidez traga seu lado emocional à tona, mas o que você está me dizendo é uma acusação muito grave, não acredito que algum dos seus colegas, por mais ambiciosos que sejam, tenham essa capacidade...

Ela tinha lágrimas nos olhos quando começou a contar o resto da história.

— Perdão por interrompê-lo Senhor, mas não estaria aqui se não tivesse certeza. Benjamim me convidou para um jantar, achei que fosse fazer bem a ele então aceitei. Já havíamos feito isso antes inúmeras vezes com Torres e com meu marido presentes, mas dessa vez éramos apenas os dois. Ele começou com uma conversa estranha de que ocupar esse

cargo era perigoso, que eu devia renunciar se quisesse ter alguma tranquilidade, pois assim como aconteceu com o Torres, coisas ruins poderiam acontecer comigo. Agora me diga Senhor Mendes, por todo o respeito e gratidão que lhe tenho, se isso não é uma ameaça, o que é? — Soltou outro longo suspiro ao terminar suas palavras, estava desolada, mas não ia chorar.

O Presidente a dispensou em seguida e pediu que se tranquilizasse, pois resolveria a situação, com a ajuda adequada, é claro. Ele cancelou toda a agenda da tarde e do dia seguinte, ligou para um amigo que lhe serviria de grande ajuda, além de manter toda a discrição, para não causar alardes na imprensa.

Mariah estava sozinha, seu marido havia saído para comprar comida árabe e ela se deliciava em um banho lento numa banheira de espumas, a cálida voz do Tony Bennet ecoava de seu iPhone na bancada ao som de The Lady is a Tramp quando ouviu um “crack” alto vindo do andar térreo.

— Querido é você? Esqueceu sua chave de novo? — Apenas ouviu passos, nenhuma resposta. — Ricardo? — Chamou outra vez.

Silêncio absoluto, exceto pelo Jazz.

Imaginou ser apenas sua paranoia, por isso fechou os olhos e respirou fundo, o doce aroma dos sais de banho elevavam sua mente, quando ouviu outro som de “crack”.

Abriu os olhos.

Benjamim se encontrava despido a sua frente com o membro ereto, se acariciando, lambendo os lábios com um olhar sujo.

— Benjamim? Socorro! Alguém me ajude! — Ela gritou por instinto.

O homem pegou-a pelos ombros e a fez sair da banheira, seus pés deslizavam.

— Mariah! Você está louca? Mariah sou eu! — Ele disse sacudindo-a pelos ombros.

Ao piscar os olhos Mariah se deparou com o marido, ele que a segurava. Sua expressão era de confusão e transtorno.

— O que diabos é você? Tire essa máscara Benjamim, essa máscara é perfeita, mas não é o meu marido! Você não é ele, me solte...

Ela se debateu e tentou arrancar a máscara do homem, rasgou seu rosto, o arranhou com toda força, mas nenhuma máscara saiu.

— Querida, o que está acontecendo com você? — Ricardo, ainda que magoado, tentou contê-la num tipo de forte abraço.

Desconfiada, soltou-se dele e logo percebeu ao chão, o sangue começando a escorrer entre suas pernas.

...

Pietro notou ser o único executivo a bater o ponto em mais uma segunda-feira, estava radiante, mas se conteve para não chamar atenção. Encontrou Carla na cafeteria, mas antes que a pobre moça iludida falasse, lhe direcionou o melhor olhar matador e a fez continuar calada.

Pensou em passar na sala do presidente, mas poderia ser interpretado de forma incorreta, porém teve uma grande surpresa ao entrar em sua própria sala e receber uma ligação dele.

— Sr. Presidente? — Atendeu.

— Mariah está desaparecida também agora Hoffman, ela teve um ataque de fúria e perdeu o bebê, foi encaminhada para um hospital psiquiátrico, mas deve ter fugido no

caminho. Vou ser sincero com você, as coisas estão fora de controle. Primeiro Torres desaparece, Benjamim vira um maníaco perseguidor e agora Mariah some... o que diabos está acontecendo com nosso grupo? Todos os meus executivos, escolhidos a dedo, sempre profissionais controlados e agora todos estão perturbados por um cargo? Só me resta você Pietro Hoffman, e espero que não me decepcione... — Falou o Sr. Mendes com a voz abafada.

Pietro soltou fogos de artifício por dentro.

— Eu disse Senhor, com todo respeito, eu disse que era melhor que todos eles. E não digo isso para me gabar, falo pelo bem da Mendes Inc., tudo que importa é a empresa, não é tudo sobre mim, nunca foi. — Pietro sentia o triunfo enquanto falava.

Tudo o que mais desejava, no momento, estava mais próximo do que imaginava.

Quando o Sr. Mendes desligou, ele abandonou as pautas do dia em sua mesa, que não eram poucas já que os colegas estavam afastados, e seguiu para a cafeteria onde pediu um cappuccino. Mal podia conter o sorriso nos lábios.

— Você conseguiu, não foi? — Era Carla de novo, tinha um brilho esperançoso e sincero no olhar.

— É claro que eu consegui. — Ele disse com arrogância, estava prestes a dizer algo ruim como sempre quando uma ereção o traiu. — Você está tão linda hoje Carla...

— Ah... você acha mesmo? — Respondeu enrubescendo.

— Venha comigo.

Discretamente foram até o banheiro masculino, entraram numa cabine. Ela aproximou seu rosto do dele, mas Pietro não a beijou. Pôs as mãos em seus ombros fazendo com

que ficasse agachada. De joelhos desabotoou a calça dele e abaixou todo o resto expondo seu membro, envolveu-o com os lábios macios num movimento nervosamente rápido que o fez jorrar tão rápido que a pegou de surpresa, fazendo-a engolir sua semente.

Carla não sentiu prazer algum, apenas deu. Cada um se recompôs lentamente pensando no que acabaram de fazer. Ela paralisou e ficou ofegante quando ele, antes de sair, ficou próximo demais dela. Chegou a fechar os olhos e inclinar-se para ser beijada, mas sentiu apenas as mãos frias do homem em sua roupa.

— Seu blazer está torto. — Disse endireitando-o, e se foi.

...

O Detetive Raio, cuja identidade real ninguém sabia, era conhecido internacionalmente como aquele que não cai duas vezes no mesmo lugar. Nunca perdeu um caso para o qual era designado e dessa vez não havia por que ser diferente.

Após dias de análise, com todas as informações do velho amigo Mendes, já tinha uma ideia do que estava acontecendo realmente ali, quando agendou uma reunião particular com ele no domingo.

— Minha última esperança é você. — Disse o Presidente, o homem que nunca falhara na vida, ou que jamais admitiria a falha.

— Vejamos a situação Mendes, te darei uma explanação: Primeiro, seu executivo Torres desaparece misteriosamente, sabemos que ele tinha uma relação íntima com Benjamim, também seu executivo. Já se perguntou o motivo pelo qual Benjamim não prestou queixa à polícia? E se ambos estiverem compactuando para Benjamim conseguir

ocupar aquela cadeira amaldiçoada? Se o amor que Torres sente por ele tivesse influenciado a ajudar o namorado? Sabemos que Benjamim também perseguiu sua querida executiva Mariah, que sempre foi uma pessoa controlada, mas do nada, após estar grávida começa a ficar paranoica e descontrolada, e pelos relatos do marido, creio que também tenha sido portadora da síndrome de capgras, mas e se alguém estivesse influenciando seu comportamento mental? E agora Senhor, tentei investigar Benjamim de perto, mas adivinhe só quem acaba de sumir do mapa também? Isso mesmo, agora são três desaparecidos. Só nos resta esperar que algo aconteça com Hoffman, que até agora pare ser o único são nessa história, vamos vigiá-lo também, assim caso algo aconteça com ele, poderemos monitorar e encontrar a raiz do problema. Mas por enquanto, estive pensando na secretária do décimo quinto andar, ela conhecia bem seus executivos e pode ter alguma informação válida. Então peço sua permissão para interrogá-la.

O Detetive parecia sereno como sempre enquanto falava, era uma daquelas pessoas que aparentavam nunca ter problemas. Sua expressão tranquila dizia isso a qualquer um que o olhasse nos olhos, mas era justamente isso que o tornara em um dos melhores detetives, era natural demais para parecer um.

— Permissão concedida Raio, por favor, vá com calma. Ela é uma garota doce, não a traumatize de nenhuma forma.
— O Sr. Mendes pediu.

...

Após se apresentar, ao lado do Presidente, como o detetive responsável pelo misterioso caso dos executivos, Raio

e Carla dirigiram-se à sala de reuniões no último andar para uma conversa particular e levantamento de dados.

— Eu quero que me conte tudo que sabe sobre Pietro Hoffman. — Foi a única pergunta que fez, e foi o bastante para fazê-la tagarelar.

— Ele é o amor da minha vida. Frio como gelo, ambicioso, arrogante, o sonho de qualquer mulher que não resiste a um cafajeste ou algo do tipo. Eu o amo desde que entrei aqui, mas ele nunca me deu muita atenção, o máximo que consegui foi uns amãos no banheiro no qual ele nem sequer me beijou. — Ela diz com risinhos nervosos, se pergunta o motivo pelo qual está falando mais do que devia, mas a verdade é que sempre quis falar sobre isso com alguém.

— Como se dá uns amãos no banheiro sem sequer beijar? — Perguntou curioso.

— Resumindo, eu chupei ele. Pietro tem um pau enorme e gostoso, ele gozou na minha boca sem avisar e eu engoli a porra toda. Sempre sonhei com isso, mas foi melhor. O pior é que não tive nojo, eu gostei, queria mais, mas com ele tudo acaba tão subitamente quanto começa. Nem um beijo... — Disse fazendo um gesto negativo com a cabeça.

— E depois? — Perguntou curioso o detetive.

Ela riu.

— Ele tem alguma doença da mente. Tenho certeza disso, é instável. E sempre no momento do clímax, seja em qualquer sentido, quando você pensa que finalmente ele fará algo, Pietro apenas encontra algo para dizer que está torto e endireitar, depois vai embora. — Ela encarou o chão magoada, mas seus olhos indicavam mais ódio que mágoa.

— Talvez a mente dele é que esteja torta. — Raio concluiu.

— Exatamente. — Ela concorda.

Raio ficou um pouco mais empolgado quando se despediu de Carla e voltou ao presidente, que estava uma pilha de nervos. A garota era muito querida por ele.

— Sr. Presidente, a garota inocente que você me descreveu não é tão inocente assim. — Raio disse ao ligar o gravador, usado discretamente em toda conversa com Carla.

No final, podia jurar que o Sr. Mendes estava quase chorando. Seus olhos marejavam, sua testa enrugou, e mordida o lábio com todas as forças para sentir alguma dor física.

— Aquele canalha corrompeu a minha garota. — Foi tudo que disse.

— Não acredito que você nutre sentimentos por ela...

— Por hoje basta Raio, vá para casa e tire uns dois dias de folga. Isso é algo que está acima do que posso suportar nesse momento. Vá agora!

Detetive Raio saiu contra sua própria vontade, mas saiu. Sr. Mendes atirou na porta fechada uma bola de cristal que decorava sua mesa, quebrando-a em mil pedaços que se espalharam pela sala.

Em seguida foi até a mesinha de canto e colocou uma dose do seu melhor uísque. Não bebia há meses, horas depois já secara a garrafa.

Chamou Amélia no interfone.

— Querida, antes de partir, certifique-se de que todos tenham ido embora, exceto Hoffman. Quero ter uma conversa particular com ele às vinte horas na sala de reunião. Depois que avisá-lo, vá embora.

— Tem certeza de que não precisará de...

— Faça o que estou dizendo. — Interrompeu bruscamente.

— Sim Senhor. — Disse Amélia e desligou.

Mendes nunca sentira tanta amargura quanto sentia agora, sentado na enorme mesa de vidro na sala de reuniões, com um copo na mão e mais uma garrafa quase vazia. Não derramara uma lágrima e isso o devorava por dentro. Duas batidas na porta e Pietro entrou.

— Que prazer em vê-lo Senhor, queria me ver? — Disse Pietro Hoffman ao entrar na sala. Seu olhar era esperançoso.

Sr. Mendes apertou seu copo amargamente até tomar outro gole sedento.

— Pensei que não ingerisse bebida alcóolica Senhor...

— Eu fiz tudo que pude por você Pietro, para tornar sua vida melhor, mas você não passa de um porco imundo, ambicioso como o pai. — Disse ao bater o copo vazio na mesa, Pietro arregalou os olhos. — Mas tem o mau temperamento da mãe, uma vadia suja que se achava melhor que todo mundo, melhor que minha esposa, melhor que eu, como você acha.

— Que história é essa Senhor? — Pietro sente uma ferida reabrindo em seu peito, aquilo pelo que lutara para ignorar durante toda a vida.

Senhor Mendes andou até ficar atrás de Pietro, que estava sentado na cadeira.

— Você trepou com a minha menina! — Gritou com tanta força que chegou a cuspi-lo. — As máscaras caem Pietro, você trepou com ela, Carla era minha. Você a corrompeu... resolvi dar o cargo a Charles Jenkins, e não a você.

De fato, a máscara de Pietro caiu nesse momento.

Levantou-se num súbito e andou na direção do Sr. Mendes.

— Você o quê?

— Isso mesmo, contratei o melhor funcionário do nosso concorrente. Ele é melhor que você. — O Presidente gargalhou ao falar isso. — Puta merda, todo mundo é melhor Pietro, até um cão rabugento na rua é melhor que você. Seu cretino imbecil.

Pietro focou seus olhos em Mendes, todo o ódio que guardara pela vida inteira estava à tona agora, não podia mais contê-lo.

— Como pode dizer isso? Eu sou melhor que todos e você sabe disso, sou o melhor para essa empresa, sou melhor que você.

Senhor Mendes continuou a gargalhar, deixando Pietro ainda mais irritado.

— Eu te considereei como um pai...

— Seu idiota, eu sou o seu pai! — Berrou. — Eu sou a porra do seu pai e sua mãe era a porra de uma puta. Nenhuma de nós te queria, te jogamos naquele maldito abrigo, só que anos depois eu tive pena. Pena! Tudo que você merece é pena, pois não passa de um coitado rejeitado pelo mundo. Eu te dei uma chance, uma chance! E você fez o que era esperado de alguém fracassado. Você não é digno de viver, devíamos ter feito o maldito aborto, assim o mundo teria um demônio a menos...

Mendes foi surpreendido por um soco brutal que o fez cair, o copo escapou de sua mão e também se estilhaçou ao chocar-se com o piso de granito. Pietro sentou em seu tórax e continuou a socá-lo até desfigurar seu rosto, transformando-o num misto de sangue e pele.

— Que bom saber disso, Papai! Agora posso ser o novo presidente. — Sussurrou, antes de sacar a arma da virilha.

Não era silenciosa. Havia vivido no silêncio por muitos anos, queria barulho, sofrimento. Sonhou a vida inteira com o momento em que se tornaria presidente, mas sonhara ainda mais com o momento em que se vingaria do pai, caso existisse um.

Ergueu Mendes fazendo-o ficar de pé e o arrastou até a parede de vidro, lá embaixo as luzes da cidade brilhavam como estrelas da noite, os prédios mais baixos eram inferiores e ao longe conseguia ver a enseada, era o lugar perfeito.

— Você vai ficar de pé, não caia, se cair será pior.

O homem parecia chorar, mas com o rosto desfigurado já não era tão fácil distinguir choro de secreções. Pietro segurou a arma e deu três passos para trás, os joelhos do homem vacilaram por um momento, então ouviu-se o primeiro tiro, bem ao lado de sua cabeça, mais dois, mais um. O vidro se rachara, mas era forte. Mais tiros, mais rachaduras, até que formaram uma teia de aranha em volta do Sr. Mendes,

— Que presidente de merda é você.

Como uma criança feliz, mas diabólica, pegou impulso, correu e pulou, ao mesmo tempo lhe desferiu um chute tão potente que a janela se partira finalmente e junto com os cacos dela, o Presidente da Mendes Inc. veio a baixo.

— Eu disse que era melhor, mas você não quis me ouvir.

...

Ele estacionou entre as árvores, bem antes de chegar ao abrigo, a noite era fria, mas não o deteve. Andou até começar a ver a silhueta do antigo prédio que um dia foi sua casa, estava em ruínas, mas para ele o lugar sempre foi um conjunto de ruínas. Órfãos de vida arruinada viviam e jaziam ali, com pessoas que lhe olhavam com nojo, os açoitava sem motivo e os suicídios eram ocultados.

Naquele instante tudo não passava de escuridão. Havia três pessoas lá, dois homens, uma mulher. Presos por dias, roídos por ratos, banhados por seus próprios dejetos, ensanguentados, famintos, nus. Ele trazia consigo mais uma vítima, aquele que não caía duas vezes no mesmo lugar, não cairia mais em lugar algum.

Era a decadência daqueles que se julgavam melhor que Pietro Hoffman.

Todos tiveram um sobressalto quando o lampião foi aceso. Ninguém ousava encará-lo, estavam condenados.

— Me.... mate — Disse a mulher com sangue entre as pernas.

Ele tinha uma arma na mão e um sorriso nos lábios, olhou nos olhos de cada um deles e alargou o sorriso. Então amarrou o Raio junto com os outros.

— Eu sou melhor que todos.

Apagou o lampião e saiu. Tinha uma garrafa de gasolina, qual derramou na entrada, afastou-se e atirou, a chama que explodiu no céu escuro fez com que os pássaros alçassem voo para longe, em busca de um novo abrigo.

FIM

QUIETO!

Faby Crystall

Psii! Sua dor é só o começo da minha felicidade!

- Ora, ora, se não é o Mauricio Oliveira, como vai?
- Bem, Anne, quanto tempo? Está... diferente!
- Diferente? Como?
- Mais... perdoe-me dizer, muito mais bonita!
- Ah, Mauricio, impressão sua, é devo admitir que muita coisa mudou, afinal, não nos vemos há 13 anos!
- É verdade Anne, faz muito tempo, desde aquela noite!
- Esquece aquela noite Mauricio, está no passado!
- Mesmo agora, Anne, te devo um pedido de perdão, eu não queria ter....
- Já disse para esquecer, deixa para lá, mas, e aí, o que tem nessa cidade para fazer?
- Bom, desde que você foi embora, muita coisa apareceu, agora tem shopping, com cinema, mas, só tem duas salas de projeção...
- Eles riram nesse instante!
- Hei Anne, posso te buscar hoje à noite, está passando um filme de terror, gosta?
- Terror? Adoro.
- Te pego então, para sessão das 19:00.

- Não! Qual a última sessão?
- Às 22:30, tem uma hora e meia de filme!
- Ótimo, vamos nesta sessão, algum problema?
- Nenhum, vou te buscar em casa, às 22:00, está bem?
- Ok.

Despediram-se e cada um seguiu para sua casa, Mauricio olhava as vezes para trás, a fim de, ver Anne, esta por sua vez, sorria de forma diabólica, planejando algo, mas o que?

Mauricio esperava ansioso pela hora em que poderia rever Anne, ela estava tão linda, algo mexeu com ele. O olhar de Anne foi tão penetrante que Mauricio, sentiu a paixão no mesmo instante, envergonhava-se quando lembrava do passado, do que fizera com Anne naquela noite fria de Agosto. Como pôde ser tão cruel?

Foi até o banheiro e lavou o rosto, a fim de, espantar o fantasma daquele passado sombrio.

Mauricio agora só imaginava ter Anne nos seus braços, beijá-la com calor e ficar com ela.

A hora aproximava-se, arrumou-se e foi busca-la. Tocou a campainha, a própria Anne abriu a porta:

- Olá, está muito bonito Mauricio!
- O que é isso Anne? Só me arrumei um pouco, para não fazer feio e aí está pronta?
- Sim, podemos ir!
- Mas, cadê seus pais? Não os vi ainda, deixe-me cumprimentá-los.
- Não Mauricio! Eles já foram dormir, deixe para outro dia, certo?
- Tudo bem, então vamos?

Anne assentiu positivamente com a cabeça e foram ao cinema. Mauricio já havia comprado os ingressos, para não perderem o início do filme. Entraram, sentaram-se na última fila, de repente, escuridão e logo, começa o filme.

Durante o filme, Mauricio quase não presta atenção nele, só observa Anne, fascinado. Coloca seu braço em volta dela, ela demonstra interesse e chega mais perto dele, encarando-o. Mauricio resolve então, beijá-la e é correspondido.

Ficam ali no cinema entre beijos e amassos, Mauricio então, já louco de tesão, fala no ouvido de Anne:

— Vamos embora daqui minha linda, tem um motel aqui perto, você quer?

— Ai, Mauricio, como quero, você não imagina quanto tempo esperei por isso, mas, não vamos ao motel, vamos para minha casa!

— Sua casa? Mas, seus pais estão lá!

— Não se preocupe! Eles têm sono muito pesado, então, está com medo ou vai comigo, te darei uma noite inesquecível!

— Vamos Anne, já estou louco!

— Espere meu querido, guarde esse fogo para hora certa!

Saíram do cinema e seguiram para casa de Anne, chegando na porta ela disse:

— Mauricio você quer mesmo uma noite inesquecível?

— Claro Anne, estou aqui para isso!

— Então, vou vender seus olhos!

— Para que isso minha querida, quero ver tudo, quero te tocar!

— Você irá me tocar, mas, primeiro vou te deixar louco.
Quero você, quieto!

Mauricio super ansioso aceitou o pedido de Anne, ela então, vedou-lhe e entraram na casa.

— Porque estamos descendo Anne? Não deveríamos subir para o seu quarto?

— Não se preocupe bobinho, estamos indo ao meu quarto, eu durmo aqui em baixo.

Desceram até o porão, onde Anne tinha um verdadeiro arsenal de tortura, tinha o berço de Judas, onde existe uma pirâmide, a vítima é sentada na ponta da pirâmide, acorrentada e vai afrouxando as correntes, até que a vítima, com o peso do seu corpo, vai pressionando e ferindo o ânus, tinha também a dama de ferro, uma espécie de sarcófago com espinhos metálicos, não atingia órgãos vitais, mas, feria muito a vítima.

Havia também a cadeira das bruxas, onde a vítima é colocada de cabeça para baixo e suas pernas são presas no encosto da cadeira, imobilizando a vítima, podendo usar outros métodos de tortura. Anne era realmente macabra.

Colocou Mauricio dentro da dama de ferro, esse começou a gritar e percebia que não podia se debater porque ficaria muito machucado.

— Anne, cadê você? Está louca? Me colocou aqui porque? To ferido, socorro, me tire daqui!

— De jeito nenhum Mauricinho! Você lembra do que fez comigo há 13 anos? Pois é, querido, eu nunca esqueci e graças a você vendi a minha alma ao demônio, em troca de voltar forte para me vingar de vocês!

— Você disse que já não lembrava disso, me deixa ir embora, vocês quem?

— Você e o Paulo Sales! Mas, esse já partiu, foi muito fácil me livrar dele, também, igual a você, pensou que ia me possuir dentro do carro, mas, não se lembrou do penhasco a sua frente, pobre Paulinho! Um minuto de silêncio por ele!

— Você matou o Paulo? Sua bruxa!

— Taí. Gostei da bruxa! Já me chamaram de bruxa, feiticeira, vampira endemoniada, mas, eu gosto mesmo é de AMALDIÇOADA! Afinal é o que sou não é, Mauricinho?

— Você é uma desgraçada me tire daqui!

— Você não sofreu nem metade do que fez comigo há 13 anos você e seu amiguinho, esqueceu? Me chamaram para uma festa, cheguei lá só tinha vocês 2, vocês me torturaram e me violentaram durante 7 horas, depois me jogaram no portamalas do carro e me soltaram na zona rural, no meio do nada!

Voltei para casa, andando, toda machucada, entrei em casa e pedi a meus pais para ir embora dessa cidade miserável, pedia vingança todos os dias.

Até que um dia estava só em minha casa, a campainha tocou, fui abrir e tinha um homem lindo, loiro, alto, mas, seus olhos eram vermelhos como sangue, ele entrou e me disse " Anne, te darei o que deseja, em troca derrame hoje o sangue de duas pessoas que você ama e ofereça a mim, te darei o poder suficiente para completar sua vingança, mas ao final sua alma será minha, aceita", aceitei na mesma hora e matei meus pais, sem nem um pinga de remorso por eles, ofereci àquele demônio.

Saí daquela casa renovada, fui transformada por fora e por dentro, não existe mais amor, não existe bondade, apenas sede por vingança.

— Anne, nós erramos muito com você, me perdoa, me tira daqui.

— Vou tirar Mauricio Oliveira, mas, agora, vou te colocar na cadeira das bruxas.

Anne tirou Mauricio de dentro da dama de ferro, onde ele já estava muito machucado e o colocou na cadeira, para continuar sua sessão de tortura, pegou uma vela acesa e pingava sobre o rosto e as feridas de Júlio, este urrava de uma dor imensa. Depois, fez uma solução de água e sal, e jogou sobre ele, a dor foi alucinante! Mauricio, era a face do desespero e dor.

Continuou a tortura durante 04 horas, logo tirou a venda e disse:

— Olhe para mim Mauricio Oliveira, pois essa é sua última visão!

Anne abriu sua boca vermelha e dela alongaram-se seus dentes, cravou na jugular de Mauricio, ele gritava de dor, ensandecido, sentindo-se cada vez mais fraco, de repente Anne parou:

— Tenha misericórdia de mim Anne?

— Não Mauricio, sugarei todo seu sangue!

— Nãoooooooooooooooooooooooooooooo!

Anne sugou todo o sangue de Mauricio, deixando-o cair completamente seco ao chão, logo, umas labaredas apareceram no centro do porão e o demônio que Anne fez o pacto apareceu:

— Muito bem minha menina, agora precisamos ir!

— Com todo prazer, meu senhor, já cumpri o que desejava, nunca mais esse aí, vai machucar ninguém!

Anne pegou na garra do demônio e sumiram no meio daquelas labaredas, deixando para trás apenas um cheiro de enxofre e um corpo seco no chão, Anne disse sua última frase:

— Adeus Mauricio Oliveira!

FIM

O PARQUE

Donnefar Skedar

Maicon se vestiu mesmo sem querer depois de um longo banho em uma água que lhe aqueceu todo seu corpo principalmente na hora em que se masturbou lembrando-se de alguma imagem pornográfica que vira em algum site minutos antes de entrar no banho.

Ao abrir a porta de casa e ver que o tempo estava completamente fechado e uma forte garoa o molharia em questão de segundos, ele olhou para a mãe que estava sentada no sofá assistindo um noticiário sobre alguém que morrerá bruscamente e pensou se realmente sairia naquela garoa para encontrar-se com seu amigo.

Quando sua mãe olhou para ele através de óculos de lentes grossas e disse para ele não sair na chuva, ele preferiu sair e não a ouvir por mais um dia sobre o que deveria fazer da vida. Ele caminhou até o ponto de ônibus sentido a forte garoa lhe atingir a face e molhar facilmente sua camisa de xadrez vermelha. Quando finalmente chegou ao ponto, seu amigo avisou por SMS que estaria esperando por Maicon no ponto em frente ao parque que os dois frequentavam.

Maicon questionou sobre o tempo para o amigo e ele afirmou que lá o tempo estava perfeito, mesmo sendo a cidade vizinha a de Maicon, o tempo por lá era “estranhamente” incompatível com o resto da região. Ele resmungou em pensamento e entrou no ônibus. Minutos depois ele desceu

do ônibus e cumprimentou seu amigo Ivan, ambos foram para o parque da cidade, era um vasto parque com grama bem aparada e enormes árvores com mais de cem anos de vida, naquele lugar se podia fazer de tudo, nada era proibido, exceto coisas “feias” como drogas e sexo explícito. Os dois foram para a parte alta do parque, do outro lado do lago onde alguns troncos de árvores caídos serviam de bancos.

– Sua roupa está bem molhada cara, acho que vai ficar doente – falou Ivan sentando de frente ao lago e olhando para o amigo.

– Não sei por que esta cidade é diferente de todas as outras – respondeu Maicon sentando ao lado do amigo.

– Também não entendo, ande, tire a roupa e coloque para a seca, aproveite que aqui nunca vem ninguém. – Tem razão, com este sol elas secaram rapidinho – disse ele retirando toda a roupa e ficando completamente nu.

Eles ficaram ali conversando sobre a vida e sobre como seria um amanhã bem próximo onde suas dificuldades de adolescente deixariam de existir, até que voltaram ao assunto da chuva quando Maicon olhou para o céu e viu que nem uma pequena nuvem estava no céu.

– Me diga você que mora aqui e tão perto da minha cidade, como pode aqui está um tempo desse e a poucos minutos de distância, nem sequer ter sol? – questionou Maicon se virando para o amigo.

– Já me perguntei isso cara, ninguém entende e se sabem não comentam – respondeu ele tentando se lembrar de alguma coisa já ouvida sobre o assunto.

– Será que existe alguma espécie de força maior ou algum projeto como naquele livro do Sidney Sheldon...

– Meu, é mesmo aquele “Medo do Escuro”? – questionou ele lembrando-se da capa do livro.

– Sim, lembra-se do fim que diz ser real? – falou Maicon se aproximando das roupas que estavam espalhadas próximas aos matos juntos aos troncos menores. – Pense que sinistro se isso for possível?

Ambos se olharam por um instante.

Ivan olhava para o céu e logo que o amigo parou de falar, ele olhou para Maicon pensando na possibilidade de conseguirem descobrir algo surreal em pleno século 21 e ao olhar para o amigo que segurava a camisa entendida para o céu, ele congelou ao ver que algo estava ao meio das pernas do amigo que era magro como os galhos das árvores que ali estavam.

– Cara, que merda é essa aí? – disse Ivan apontando para as pernas do amigo.

– Dane-se eu me masturbei no banho, sempre sai algo depois, acho que é o resto do gozo... – falou Maicon sacudindo a camisa.

– Não seja burro, estou falando abaixo do seu pinto – disse o garoto apontando com o dedo.

Maicon abaixou a cabeça para olhar abaixo de seu órgão e viu a folha de uma planta se mexer abrindo uma espécie de boca longa em um racho cheio de espinho que fez ficar no lugar de dentes e uma espécie de língua muito fina e gosmenta se mexer até atingir seu pênis. Ivan se levantou devagar procurando um galho para usar de arma, Maicon sentiu a pequena linha gosmenta entrar no buraco de seu pênis e quando viu que o amigo ia atingir a folha com um pedaço de madeira, gritou e acenou com as mãos para que o amigo não fizesse aquilo.

– Você é retardado? Isso é um monstro... – falou Ivan abaixando o pedaço de madeira.

– Cara isso é melhor que a punheta, ande, tire sua roupa... – respondeu Maicon com um sorriso maravilhado na face.

– Cara, você usou drogas?

– Anda logo, tire suas roupas.

Ivan vendo que o amigo passou a gemer de prazer com o que a coisa gosmenta estava lhe causando, tirou toda a sua roupa mostrando um corpo gordinho e sem pelo nenhum, ele ficou de frente ao amigo, próximo aos matos da mesma aparência que aquela folha em formato de boca, até que viu lentamente uma folha aparecer dentre suas pernas, uma folha um pouco mais grossa que a outra e da mesma forma foi se abrindo e mostrando longos espinhos como dentes.

A língua desta era um pouco mais nítida porem também gosmenta e foi se erguendo lentamente até o pênis de Ivan, ele estava sentindo certo medo, mas assim que a coisa entrou em seu pênis ele logo sentiu seu órgão enrijecer e passou a gemer como o amigo a sua frente, ambos se olhavam tentando sorrir junto ao prazer que a coisa lhes causava, até que Maicon falou junto aos gemidos que não estava aguentando, Ivan fechou os olhos e disse que gozaria o amigo também fechou os olhos e ambos gemeram ao sentir algo sair de dentro deles.

Longos segundos depois os dois abriram os olhos sentindo uma forte moleza em seus corpos, quando olharam para baixo viram que a planta continuava com sua folha em forma de boca, porem a coisa gosmenta em forma de língua estava se raspando pelos espinhos-dentes com algo muito gosmento e vermelho.

Eles logo olharam para seus pênis e constaram que nada estava errado, até que Maicon olhou para o amigo e fixou os olhos em seu órgão. Ivan se envergonhou por achar que ele riria de seu pênis menor e o encarou por um tempo.

– Cara você tem o saco pequeno... – comentou Maicon com a voz baixa.

– Não, meu saco é grande, você que não tem saco – respondeu Ivan ao olhar para o amigo.

Ambos abaixaram a cabeça para visualizar seus sacos escrotais e notaram que nenhum deles estava com suas bolas e ao mirarem a coisa gosmenta perceberam que no fundo da folha, duas bolinhas escuras estavam sendo mastigadas bem devagar.

– Ai meu Deus – gritou Ivan.

– Ande pegue a madeira – apontou Maicon para o pedaço de tronco que Ivan segurava antes.

Quando Ivan esticou o braço e se abaixou para pegar a madeira, Maicon olhou para a folha abaixo de suas pernas fazer um som estranho e cuspir suas bolas para fora aumentando ainda mais seu tamanho e fazendo aparecer mais espinhos. Ivan pegou a madeira, mas ao levanta-la para desferir um golpe na planta, viu que ela aumentara seu tamanho e rapidamente elas, as duas folhas foram para cima dos dois sem tempo para defesa e lhes agarrou a pele nua com seus espinhos fazendo o sangue escorrer rapidamente pela pele cortada.

Ambos abriram a boca para gritar por socorro, gritar pela dor, mas algo os atingiu nos anus, e eles sentiram a voz sumir quando um olhou para o outro e viu que de suas bocas sai um caule da planta que logo foram se abrindo em belos botões de violetas escuras e sujas de sangue.

O sol pareceu surreal quando os dois corpos dos jovens foram degustados por uma imensa planta carnívora sem forma exata que fazia se esticar por toda uma plantação ao redor do lago de um parque na cidade em que o tempo não estava de comum acordo com as cidades vizinhas...

Fim

BIOGRAFIAS – OS AUTORES

Faby Crystall

Me chamo Fabiane, tenho 36 anos. Sou mãe, batalhadora e amante...das letras!

Sempre gostei de ler e incentivo isso, nas minhas filhas.

Procurando um dia contos de terror, encontrei o Recanto das Letras. Comecei a ler os contos e comentar, até que um dia, meu amigo João Murillo, também escritor do RL, me incentivou a escrever um conto e a partir daí, escrevi muitos outros. Não apenas terror!

Poesias, sentimentos, reflexões, são algumas categorias que gosto bastante de escrever.

Desejo que gostem dos contos, aqui publicados, porque foram escritos com carinho e dedicação para vocês!

Mordidas no coração!

Leia mais textos da autora nos links abaixo:

[RECANTO DAS LETRAS](#)

[FACEBOOK](#)

JC KING

JC King nasceu como Johnathan Cristhian em 21 de maio de 1984, na cidade de Coelho Neto, no Maranhão, e hoje vive em Teresina, no vizinho estado do Piauí. Filho único de pais divorciados, foi criado pelos avós paternos desde os cinco anos de idade. Aos treze anos começou a cultivar o gosto pela leitura após ser apresentado aos livros de contos de fadas por sua professora de Literatura.

Nessa época começou a criar seus primeiros textos ao lado do primo e melhor amigo. Mas só em 2010, aos vinte e seis anos, ao conhecer o site para novos escritores, Recanto das Letras, que JC King veio a ter seu talento antes guardado para si conhecido por poucas pessoas.

Leia mais textos do autor no link abaixo:

[RECANTO DAS LETRAS](#)

E. N. Andrade

Alagoano de vinte e um anos estudante do curso de Letras, é conhecido pelo seu romance Um Amor Singular, mas o que pouco se sabe é que iniciou a escrita no site Recanto das Letras onde possui mais de duzentos textos, a maioria contos de terror, que é uma de suas maiores paixões.

Leia mais textos do autor no link abaixo:

[RECANTO DAS LETRAS](#)

Donnefar Skedar

Nascido na cidade de Santo André – São Paulo, Donnefar Skedar publica na internet desde 2009, seu primeiro livro publicado online foi “Kristendant City – O Orbetite”, seguido por dezenas de contos no site Recanto das Letras. Seu estilo principal é o Horror seguido por Suspense, mas o mesmo escreve vários estilos. O autor também assina em algumas obras com o pseudônimo de Jay Olce e publica suas obras pelo selo independente Elemental Editoração.

Leia mais textos do autor no link abaixo:

WWW.ELEMENTAEDITORACAO.ORG

Curta a página do livro no Facebook:

WWW.FB.COM/AARTEDOTERROR

ELEMENTAL EDITORAÇÃO © 2015